

Malan critica analistas e reafirma que não é preciso reestruturar dívida

Para o ministro, afirmações podem levar à situação que os próprios bancos querem evitar

REALI JÚNIOR

Correspondente

PARIS – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, encerrou ontem na França seu giro pela Europa insistindo em afirmar que não vê necessidade de reestruturação da dívida interna, como têm afirmado alguns analistas de bancos europeus que o interpelaram durante seus contatos nesses últimos dias em Madri, Londres e Paris. O ministro dirigiu uma advertência a todos os que consideram a medida inevitável, seja qual for o presidente eleito, sob o argumento de que a dívida interna seria impagável, nas condições atuais. “Esse processo poderá precipitar situações que eles mesmos pretendem evitar”, afirmou.

Malan explicou que o mercado é movido por expectativas, e se alguém puser na cabeça que é preciso reestruturar a dívida interna, isso poderá acabar acontecendo. Para ele, quem afirma que “a trajetória da dívida é insustentável, está projetando hipóteses inversas”, pois, a seu ver, se o superávit primário de 3,75% for mantido a longo prazo, as taxas de juros caírem e as de câmbio não forem mais depreciadas, a trajetória da dívida será declinante.

Malan explicou aos banqueiros reunidos na sede do Banco da França – um encontro organizado por Jean Claude Trichet, presidente da instituição – que a dívida externa do setor público, cujo volume é de US\$ 93 bilhões, não constitui nenhum grande problema, pois todos os débitos são de médio e longo prazos. A dívida externa do setor privado, de US\$ 85 bilhões, também não apresentaria nenhum problema sistêmico.

Malan volta hoje ao Brasil muito satisfeito com os resultados da missão da equipe econômica – não apenas nos encontros nas três capitais européias, mas também nos contatos paralelos do presidente do BC, Armínio Fraga, na Suíça e na Alemanha, além do assessor Marcus Caramuru, que viajou para a Ásia, mais especialmente para o Japão. Segundo ele, todos os banqueiros e empresários com quem manteve contato tiveram uma postura muito positiva em relação ao Brasil.

A questão central, no momento, é a dívida de curto prazo, até um ano, e que envolve as linhas interbancárias, para sustentar o nível geral de negócios, especialmente na área comercial e das exportações, afirmou o ministro. A seu ver, os bancos estrangeiros envolvidos com problemas de

fraudes contábeis, ou que sofreram com prejuízos no mercado de ações, entre outras perdas nos EUA e na Europa, acabaram agora pecando por “excesso de cautela e de conservadorismo”. O ministro da Fazenda deixou claro que não será da noite para o dia que as linhas comerciais serão restauradas, mas acredita que elas poderão ser restabelecidas de forma gradativa, o que acredita já estar ocorrendo lentamente.

Evolução das linhas – O diretor da área externa do Banco Central, Beny Parnes, completou o argumento do ministro Malan dizendo que a redução das linhas interbancárias foi da ordem de US\$ 2 bilhões, tendo sido agravada pelo crescimento das exportações. Na verdade, houve uma redução da oferta e um aumento da demanda. O BC interveio, por meio de leilões com bons resultados, e o excesso da demanda pôde ser satisfeito, diz Parnes.

Em Madri, Londres e ontem em Paris, o ministro Malan procurou tranquilizar banqueiros e investidores, mos-

trando que durante os últimos anos ocorreu um processo de amadurecimento político muito importante no Brasil e que, hoje, os quatro candidatos à sucessão presidencial são os principais interessados num processo de transição com o mínimo de turbulência, o que poderá garantir para o eleito uma boa governabilidade, pelo menos no primeiro ano do mandato.

Malan disse ter constatado a existência dessa expressiva evolução dos candidatos da oposição, nas conversas com os próprios políticos ou com seus assessores, inclusive verificando o abandono de certas posições anteriores que poderiam preocupar investidores externos.

GIRO PELA
EUROPA TEVE
RESULTADOS
POSITIVOS